



Entre o céu e o inferno: a teologia inclusiva e o gay cristão

Natanael de Freitas Silva¹

Livro resenhado: FEITOSA, Alexandre. *Teologia inclusiva: fundamentos, métodos, história e conquistas*. Brasília, DF – Oásis Editora, 2016.

O livro aqui resenhado tem como objetivo apresentar os fundamentos, os métodos, a história e as conquistas da chamada teologia inclusiva, também conhecida como TI. De autoria de Alexandre Feitosa (pastor e professor de língua portuguesa), publicado em 2016 pela Oásis Editora, a obra busca apresentar os pressupostos que possibilitam uma releitura dos textos bíblicos utilizados para condenar as pessoas LGBT. Dividido em 12 capítulos, com pouco mais de 100 páginas, a obra pretende mostrar “como a graça divina alcança a diversidade humana”. Feitosa, em sua introdução, defende que a “LGBTfobia nasce e se alimenta, especialmente, no seio das estruturas religiosas cristãs” (2016:5) e isso, na sua visão, ocorre devido ao fato de que muitas “igrejas cristãs majoritárias”, como denomina o autor, “se apegam à literalidade de certos trechos bíblicos como prova de que as Escrituras condenam qualquer expressão de sexualidade que fuja ao padrão cis-heteronormativo” (*Idem*).

Feitosa defende que a TI “é uma abordagem bíblica com ênfase na graça e, conseqüentemente, na inclusão de todas as pessoas à Igreja, sem qualquer distinção” (2016:7). O autor argumenta que os estudos sobre Bíblia e homossexualidade não se constituem no centro da TI, essas seriam “abordagens secundárias, periféricas”, ademais, o fundamento da TI é “a graça divina, traduzida no seguinte princípio: Deus não faz acepção de pessoas” (2016:8).

Todavia, de modo mais objetivo, apesar de rejeitar o rótulo de teologia gay, a TI é uma abordagem que focaliza a inclusão das pessoas homossexuais e transgêneros no seio cristão. Não por acaso, para os/as adeptos/as da TI, as interpretações dos textos bíblicos considerados condenatórios às homossexualidades seriam na verdade produto de uma leitura equivocada,

¹ Licenciado e mestrando em História pelo PPHR/UFRRJ/CAPES. Email: natanaelfreitass@gmail.com

deformada, que teria transformado a mensagem do Evangelho numa espécie de “cativeiro religioso”. Em resposta a isso, a TI propõe uma revisão da leitura bíblica entendida como “contextualizada, imparcial e livre de ideologias” a partir do chamado método histórico crítico que, segundo o autor, apesar de ser acusado de negar os princípios dogmáticos de inerrância, infalibilidade e inspiração da Bíblia, tem proporcionado “uma compreensão mais abrangente de textos antes utilizados como instrumentos de opressão” (2016:51). Tal método, segundo Feitosa, prioriza as

diversas instâncias de produção do texto sagrado: aspectos socioculturais, históricos e linguísticos, bem como a intencionalidade do autor inspirado e as necessidades de seus primeiros receptores, com vistas a alcançar o sentido original da mensagem e sua aplicabilidade (2016:59).

No mais, a teologia inclusiva, de acordo com Feitosa:

defende, objetivamente, a inclusão e a afirmação da comunidade LGBT enquanto diversidade humana excluída pelas estruturas religiosas convencionais. Esse novo entendimento bíblico proporciona a gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros o livre exercício de suas fé e identidade, bem como a oportunidade de realização afetiva sem os tabus impostos pelo fundamentalismo religioso (2016:10).

Um das justificativas para a emergência da TI é que a mesma surgiu como uma resposta às “interpretações tradicionais [que] têm levado vidas ao abandono da Igreja, à promiscuidade, ao suicídio e à apostasia, ou seja, o abandono da fé” (2016:11). Apesar de advogar uma leitura imparcial e supostamente livre de ideologias, a TI focaliza substancialmente a relação entre cristianismo e homossexualidade num claro objetivo de positivar essas relações sob uma perspectiva cristã. Ao longo do livro, Feitosa procura demonstrar uma leitura inclusiva de várias passagens bíblicas defendendo a ideia de que Jesus sempre foi aberto aos excluídos, aos pobres, às prostitutas, a todos aqueles e aquelas que na época eram marginalizados/as, denominadas atualmente de “minorais sexuais”. Nesse ponto, pode-se perceber uma disputa discursiva, uma ‘vontade de verdade’, em torno dos sentidos atribuídos aos textos bíblicos, com efeito, como aponta Foucault, o discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996:10). Assim entendo que a TI disputa uma hegemonia interpretativa em relação a uma teologia conservadora/ortodoxa.



Historicamente, a TI surgiu na década de 1960, principalmente em países anglo-saxões como a Inglaterra e os EUA. Inicialmente buscava-se desconstruir uma “teologia anti-homossexualidade e possibilitar o acesso de gays e lésbicas à vida da Igreja, mas também contribuir para a descriminalização de seus relacionamentos” (2016:79). Principalmente nos capítulos 11 e 12, Feitosa apresenta um levantamento histórico dos principais autores e obras que se tornaram referência na elaboração e consolidação da TI, com destaque para o teólogo e clérigo da Igreja Anglicana, Derrick Sherwin Bailey com o livro *Homossexualidade e a Tradição Cristã Ocidental* (1955) e o teólogo norte-americano Robert Wood com o livro *Cristo e o Homossexual* (1960). Não obstante, destaca-se também a revolta de *Stonewall* em 1969 e paralelamente o surgimento da Igreja Comunidade Metropolitana (ICM), inaugurada em 08 de outubro de 1968, pelo reverendo Troy Perry, que se constitui na principal denominação inclusiva da atualidade, estando presente em mais de 35 países, e fundada oficialmente no Brasil em maio de 2004, no Rio de Janeiro.

Mais adiante, o autor localiza a ressonância dessa teologia em terras brasileiras, com destaque para a figura do pastor presbiteriano Nehemias Marien que, em 1994, publicou o livro *Jesus à Luz da Nova Era*, defendendo que a igreja não teria o direito de não abençoar a união de duas almas consideradas gêmeas independente de serem macho e fêmea. Outra obra que recebe destaque é o livro do padre norte americano Daniel Helminiak, *O que a Bíblia Realmente diz sobre a Homossexualidade*, lançado em 1994 nos EUA e em 1998 no Brasil. E mais recentemente o teólogo André Sidnei Musskopf,² lançou o livro *Uma Brecha no Armário: Propostas para uma Teologia Gay* (2002), propondo uma prática religiosa baseada na experiência de homens homossexuais. O que Feitosa quer demonstrar é como alguns autores e determinadas obras tem colaborado na sedimentação e promulgação de uma nova percepção bíblica e teológica em relação às homossexualidades. Como aponta o historiador Keith Jenkins (2001:42), “a história é uma maneira pela qual as pessoas criam, em parte, suas identidades”, talvez por isso, a TI busque em grande medida o aporte histórico para fundamentar o seu discurso.

Outro ponto que atravessa toda a reflexão da TI conforme apresentada por esse autor é a ideia de que a homossexualidade e a transgeneridade é inata ao sujeito. Ao defender que a TI se construiu também por meio dos “avanços científicos que permitiram entender que a homossexualidade, a bissexualidade e transgeneridade não são doenças, perversões ou possessão, [...] mas particularidade inatas de uma parcela significativa da população” (2016:9), reforça-se a

² MUSSKOPF, André Sidnei. A teologia que sai do armário: Um depoimento teológico. *Impulso*, Piracicaba, v. 1, n.1, p. 129-146, 2004.



ideia de que a orientação sexual e a identidade de gênero são atributos naturais, inerente ao sujeito. Isso que entra em contradição com algumas teorias de gênero que criticam essa visão essencializada das homossexualidades e identidades como Butler (2013) e Preciado (2014) que vão desconfiar dessas naturalizações das identidades gays e lésbicas, apontando para o caráter instável e histórico dos processos de produção dos sujeitos de gênero, entendendo que as instituições e os discursos, como o caso das igrejas, participam da formatação dessas configurações sociais do sexo, inclusive defendendo a monogamia como modelo hegemônico de constituição do arranjo familiar.

Por fim, no meu entendimento a TI, conforme apresentada pelo autor, tem dois efeitos práticos; o primeiro é que ela possibilita que pessoas homossexuais e transgêneros possam vivenciar e experimentar a fé cristã de modo pleno, ainda que os mesmos não sejam reconhecidos e aceitos pelas igrejas majoritárias, devido a sua sexualidade e identidade de gênero, todavia cabe questionar: afinal, o que é ser cristão na contemporaneidade? O outro efeito é que ela tensiona o discurso hegemônico sobre os textos bíblicos considerados condenatórios das homossexualidades, possibilitando argumentos históricos em relação a uma leitura literal dos mesmos, desconstruindo assim as leituras literais e ahistóricas que não localizam o contexto social e cultural de sua produção.

Por outro lado, ao tentar manter um núcleo transcendente em relação ao texto bíblico, a TI também acaba por repor e reafirmar muitas das normas de sexualidade e sociabilidade tradicionalmente defendida por muitos conservadores como a crença no ‘pecado original’ e no projeto messiânico de salvação etc. Ao recorrer à historicidade do próprio texto bíblico para assim desconstruir as interpretações consideradas equivocadas sobre as relações homossexuais, a TI abre uma lacuna que pode ser vista como uma fragilidade na construção do seu argumento, pois articula dois pressupostos historicamente distintos, a noção de que tudo é efeito das relações sociais e culturais numa determinada sociedade de acordo com uma relação espaço-tempo (historicidade) e a noção teológica de transcendência que parte da ideia de que o deus judaico-cristão é um princípio organizador e criador do mundo, e neste caso, inclusive das pessoas homossexuais e transgêneros.

Por conseguinte, não é por acaso que as chamadas igrejas inclusivas têm sido vistas com desconfiança tanto por parte das igrejas majoritárias, que as enxergam como falsas, “heréticas”, como por parte do movimento LGBT que desconfia das boas intenções de alguns líderes que em nome de uma inclusão repõe um princípio de hierarquia, como o poder pastoral expresso na



relação ‘pastor-ovelha’ e o combate a ‘promiscuidade gay’, reforçando a ideia da monogamia como um caminho moralmente superior, o que pode incorrer numa hierarquia entre pessoas gays, produzindo uma espécie de gay de ‘alta moral’ versus gay de ‘baixa moral’.

Também não se pode desconsiderar que a igreja tem sido historicamente um dos principais meios de sociabilidade e construção de vínculos para além do núcleo familiar, ainda que a mesma seja pautada por normas e tendências moralizantes. Todavia, para muitas pessoas LGBTs que não têm o apoio familiar ao afirmarem sua sexualidade e identidade de gênero, as igrejas inclusivas preenchem essa lacuna, oferecendo um espaço de construção de vínculos afetivos, de expressão de sua fé e principalmente um suporte emocional para esses sujeitos. De fato, a relação entre cristãos/ãs e a(s) homossexualidade(s)³ está longe de ser consensual, no entanto, a crítica às metanarrativas, a historicidade da própria noção de verdade⁴ e de sujeito,⁵ a resignificação dos conceitos e o reconhecimento de que nenhuma interpretação é total e inesgotável, são algumas das condições de possibilidades da chamada pós-modernidade⁶ que permitem a muitos homens e mulheres homossexuais e transgêneros experimentar e vivenciar a fé e a sexualidade de modo particular na contemporaneidade, a partir da revisão e reinterpretção dos textos bíblicos, forjando outros modos de si, articulando algo historicamente considerado tão díspar: cristianismos e homossexualidades.

Referências

- BAILEY, Derrick Sherwin. *Homosexuality and the Western Christian Tradition* [Homossexualidade e a Tradição Cristã Ocidental]. Londres, Inglaterra: Longmans, Green, 1955.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CHEVITARESE, André Leonardo. *Cristianismos. Questões e Debates Metodológicos*. RJ: Kline, 2011.
- FEITOSA, Alexandre. *Teologia inclusiva: fundamentos, métodos, história e conquistas*. Brasília, DF – Oásis Editora, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*, Edições Loyola, 17ª ed. SP, 1996.

³ Sobre essa tensa relação ver: CÉSAR, Marília de Camargo. *Entre a cruz e o arco-íris: a complexa relação dos cristãos com a homoafetividade*. BH: Editora Gutenberg, 2013; VIULA, Sergio. *Em busca de mim mesmo*. RJ: Livre Expressão, 2010.

⁴ FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. 3ª ed. RJ: NAU Editora, 2002.

⁵ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. SP: Martins Fontes, 2006.

⁶ Ver: LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. 12ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009; HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1992; JAMESON, Fredric. *Pós- Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987; ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rj: Jorge Zahar Editor, 1999; MEISTER, Mauro. *Igreja Emergente, a igreja do pós-modernismo? Uma avaliação provisória*. *Fides Reformata* (São Paulo), v. XI, p. 95-112, 2006.



- FURTADO, Maria Cristina S.; CALDEIRA, Angela Cristina Germiné Pinto. Cristianismos e diversidade sexual: Conflitos e mudanças. *Fazendo Gênero* 9, Diásporas, Diversidades e Deslocamentos, Florianópolis, UFSC, p.1-10, 23 a 26 de agosto de 2010.
- GLADSTONE, Marcos. *A Bíblia sem preconceitos*. 2ª ed, RJ: 2010.
- HELMINIAK, Daniel. *O que a Bíblia Realmente diz sobre a Homossexualidade*. SP: GLS, 1998.
- JENKINS, Keith, *A História Repensada*. SP: Contexto, 2001.
- MARIEN, Nehemias. *Jesus à Luz da Nova Era*. Editora Record, 1994.
- NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião & Sociedade*, v. 30, p. 90-120, 2010.
- PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. SP: N-1 edições, 2014.
- SIDNEI MUSSKOPF, André. *Uma Brecha no Armário: Propostas para uma Teologia Gay*. 1ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- WOOD, Robert. *Christ and the Homosexual* [Cristo e o Homossexual]. New York, Vantage Press, 1960. Disponível em: <<https://archive.org/stream/christhomosexual00wood#page/n5/mode/2up>> Acesso em 11/12/2016.

